

COMPANHEIROS NUMA NOVA VIAGEM

Como mudou o trabalho dos educadores

Vitangelo Denora, S.J.¹

Neste momento a escola segue o seu caminho e realiza a sua missão educacional enquanto vive uma rotina artificialmente construída para enfrentar a emergência que afeta estudantes, educadores e suas famílias.

O que está acontecendo no mundo, neste momento, não é simplesmente um contexto no qual as escolas realizam seu trabalho, é uma parte integral e está envolvendo diretamente as gerações mais jovens, que terão que enfrentar o desafio de pensar no futuro quando a Itália e o mundo estiverem livres para sair, movimentar-se, viajar e construir.

Nesta situação, deve-se prestar atenção especial ao trabalho dos educadores, que se veem como companheiros numa viagem inesperada, durante a qual muitas vezes se abrem janelas para algo bem diferente do que normalmente experimentam em sua vida profissional, e sobre quem são como pessoas atravessando este momento difícil; pessoas que de alguma forma ficam desnudas, uma ao lado da outra, inclusive na distância da comunicação eletrônica, chamadas a viver esta realidade complexa.

Certamente não é simples, mas encontrar-se nesta situação, mesmo com poucas defesas, também pode ser experimentada como uma nova oportunidade. A ação colegiada é fundamental: é a expressão de um sentido de comunidade, que permite que os educadores apoiar-se uns aos outros e superar este momento difícil, fortalecidos pela estima mútua.

A carga de trabalho deve ser bem dividida entre os professores num programa compartilhado: é necessário equilibrar a carga de trabalho dentro da semana e também durante o dia e, por esse motivo, a coordenação é fundamental, por exemplo, através da figura do supervisor do educador ou do coordenador do curso.

¹ Director General del “Istituto Gonzaga di Palermo”, fundador y profesor del “Centro di Formazione per l’Attività Educativa dei Gesuiti in Italia (CeFAEGI)”, ex Director Nacional de Fe y Alegría Italia. Artículo originalmente publicado en mayo 2020, en la revista italiana Tuttoscuola con el título “Compagni di un nuovo viaggio. Come è cambiato il lavoro dei docenti” y en traducción al inglés, en EducateMagis, con el título “Companions on a new voyage”. Traducido al portugués por Luiz Fernando Klein S.J., con permiso del autor.

Deve-se considerar que, em situações críticas da vida ou em períodos muito estressantes, todos reagem de maneira diferente de acordo com sua história pessoal e, às vezes, até de uma maneira incompreensível para os que os rodeiam: alguns se retiram, outros buscam expressões de afeto que possam consolá-los. Geralmente, o que caracteriza uma pessoa se amplia (o rígido endurece mais, o organizado pode tornar-se obsessivo, o flexível corre o risco de perder o rumo, o tolerante o risco de tornar-se paternalista...). Em resumo, cada pessoa reage como pode e é bom que nisto todos desenvolvam sua autoconsciência. Por estar um ao lado do outro, como um corpo docente, embora metafóricamente, corre-se o risco de julgar, mal-entendidos ou não compreender, mas também é uma oportunidade para unir-se, para olhar com paciência e ternura, para construir uma autêntica comunidade. Este é um momento para a comunidade e não para o individualismo ou protagonismo ou, simplesmente, para viagens solitárias. Este desafio se supera juntos!

1. Como queremos que seja esta viagem com nossos alunos?

Certamente, um objetivo é a aprovação do ano letivo, mas, neste momento, deve ser nossa prioridade dar espaço aos aspectos formativos e educacionais da escola, característicos da proposta educativa inaciana.

Provavelmente nossos alunos permanecerão trancados em suas casas por algum tempo, numa condição antinatural de isolamento e imobilidade, e terão que lidar com uma doença que provavelmente os tocará pessoalmente de alguma forma, com um medo que pode se transformar em angústia, com perguntas sobre o significado da vida que preocuparão suas mentes e corações por um longo tempo, mesmo após o final desta emergência. Hoje eles devem enfrentar a dificuldade de organizar o seu dia, que não é mais definido por lugares ou, sobretudo, por reuniões com outras pessoas. Com o passar dos dias pode surgir um fastio, uma falta de motivação para estudar e até uma falta de compromisso. O que eles estão enfrentando não é fácil e depende de nós acompanhá-los agora, neste momento, com as dificuldades que eles têm e terão.

Então, como relacionar-se com eles? Como estar 'junto dos estudantes' nesta viagem sem precedentes?

A palavra 'acompanhar' é essencial na pedagogia inaciana: expressa a atitude básica do professor-educador e é 'uma postura humana e espiritual cheia de respeito e atenção'. O que exatamente isso significa nestes tempos?

- Que não devemos ter medo de expressar aos alunos, talvez até de maneira ainda mais

explícita que antes, nossa 'compreensão', nosso 'afeto', nossa 'ternura' e nossa 'proximidade' com eles.

- Que não tenhamos medo de permitir que emergja essa bela humanidade que se traduz em nossa preocupação com nossos alunos, em 'experimentar suas dificuldades como próprias'.
- Também não devemos ter medo de 'mostrar nossas próprias fraquezas', porque nossa responsabilidade como adultos neste momento não é seguir em frente 'como se nada tivesse acontecido', como se não estivéssemos com medo ou tristeza ou como se não sentíssemos uma profunda sensação de incerteza e perplexidade, mas é para seguir em frente com humildade e coragem, apesar do peso que carregamos em nossos corações, cientes deste peso e prontos para enfrentá-lo.

Certamente é difícil expressar tudo isso na frente de uma tela ou ao atribuir tarefas e trabalhos, mas devemos consegui-lo. Não é essa também a extraordinária beleza de nosso trabalho que é, de fato, 'uma missão'?

Enquanto compartilhamos o que nos apaixona e o que tem sido para nós um canal para a autenticidade e a felicidade, nos encontramos com 'vidas que estão tomando forma e que de repente se iluminam, compreendendo algo que as torna mais elas mesmas, mais felizes, mais capazes também de mudar o mundo ao seu redor. O mistério de suas vidas e de nossas vidas encontra-se às vezes em momentos não planejados de gratuidade, de insight, momentos que compensam os muitos trabalhos que cercam a vida dos educadores.

Quando ensinamos numa sala de aula, olhamos para nossos alunos, damos-lhes nossa atenção com gestos não verbais e até, quando lhes damos notas ruins, podemos fazê-los entender que a nota é um episódio, não um julgamento de sua pessoa, mas uma maneira de progredir e mudar, e que eles podem conseguir se assim o desejarem, porque estamos presentes e acreditamos neles.

Como fazer tudo isso hoje? À distância, precisamos aprender a expressar, mais do que o habitual, uma espécie de 'atenção composta de reconhecimento positivo e ternura'. Os alunos precisam disso da maneira que nós precisamos: dizer palavras simples, que talvez nunca as dizemos uns aos outros, como as que expressam gratidão e afeto.

Para muitos educadores, essas expressões se enriquecem com nuances de muitas tonalidades, que concordam bem com os valores nos quais se baseia a educação: a comunidade de educadores, o sentimento de pertença à escola, o cuidado da pessoa em sua integralidade.

Os professores estão dedicando suas energias a uma continuidade que não é estritamente formal e não só relacionada ao ensino, e uma sugestão importante é criar ‘momentos livres de encontro humano e espiritual’, compartilhar e simplesmente dizer ‘como estou’.

A cura personalis agora é fundamental para todos, e dela ninguém está excluído. Até os professores têm direito a ela, não apenas neste momento, mas particularmente neste momento.

Deste modo, ‘um novo senso de comunidade e solidariedade’ tomará forma, novas reflexões sobre o sentido do trabalho educativo, da vida, da sociedade, dos relacionamentos. Nestes dias, surpreende a generosidade além do profissionalismo com que os educadores se lançam nesse desafio pelo bem dos alunos.

2. Competências a desenvolver

O objetivo da viagem - que corresponde a uma espécie de perfil do aluno que se formou no tempo do Coronavírus, por assim dizer, pedagogicamente pode-se definir discernindo quais competências é preciso ajudar a desenvolver neste momento.

Entre elas encontram-se as competências de cada disciplina, que devem ser estudadas com a característica essencial de ‘non multa sed multum’ [não muitas coisas, mas muito], tendo a coragem de redesenhá-las e readaptá-las a este tempo histórico.

Há, depois, as competências transversais ou habilidades para a vida. Neste momento específico, poderiam ser:

- Aprender a estar consigo mesmo, com o mistério da vida e com os próprios medos.
- Não deixar de cultivar a esperança no futuro.
- Redescobrir o valor de afetos e das pequenas coisas.
- Ter uma percepção de uma comunidade humana tão frágil como sempre e, mesmo assim, redescoberta e interconectada.
- Participar da viagem didática e educativa que se propõe.
- Demonstrar participação ativa e pessoal.
- Capacidade de viver esse momento com resiliência.
- Capacidade de manter o rumo e permanecer aberto.

Para a realização destas competências, hoje mais do que nunca, nosso estilo de acompanhar os alunos é decisivo.

3. A oferta formativa

Se a direção está clara para nós, então talvez o caminho também o esteja. O currículo, definido como a articulação de toda a oferta educacional, é como um caminho pavimentado com as disciplinas e experiências que a escola propõe (espiritual, social, cultural...), um caminho no qual os educadores acompanham seus alunos 'atentos e agradecidos' por estarem próximos do mistério das pessoas que estão crescendo, que florescem em si mesmas e que também descobrem, graças ao seu trabalho, novos horizontes culturais e educacionais e novas razões para viver suas vidas.

Esta viagem de hoje tem, certamente, um tom diferente e talvez deva ter um ritmo diferente: 'serão necessários mais paradas e mais tempo'. Talvez a crise também nos diga o seguinte: vamos nos dar tempo e não nos preocupar com 'correr'. Um caminho mais lento também pode e deve ser sério e rigoroso. De igual modo o foco, ainda mais neste momento de pandemia, está na aprendizagem (a viagem do aluno), ao serviço de quem ensina (a viagem do professor): o ritmo é ditado pelos alunos e o cuidado do educador é que eles sejam e caminhem cada vez mais independentes.

Por fim, deve ser uma viagem serena e alegre, mesmo se nestes dias haja dificuldade para falar de plena alegria. Certamente 'não deveria ser uma viagem pesada', porque o lastro que carregamos, inadvertidamente, já é grande.

4. O método: paradigma pedagógico inaciano e aprendizagem interativa

Um dos princípios da educação inaciana é a aprendizagem alegre, o que significa que o aprender começa quando se acende uma chispa se a pessoa está completamente envolvida em sua totalidade desde o seu lado emocional ou, como diz o Papa Francisco, desde o 'coração'. Agora é necessário começar desse coração cheio de incertezas e temores, e devemos envolvê-lo com paciência, cuidando dele, incluindo-o e ajudando-o a se expressar.

Um enfoque da aprendizagem interativa, que alterna aulas em vídeo e diferentes tipos de atividades didáticas, se encaixa naturalmente no paradigma pedagógico inaciano:

- Cada módulo deve começar colocando o problema de como motivar os alunos a aprender sobre esse tema em particular: que experiência propor para envolver os alunos, para fazê-los sentir que o que será ensinado tem a ver pessoalmente com eles e isso abrirá suas mentes e corações? Isso no PPI é a fase *praelectio* ou a fase da 'Experiência'.

- A *lectio* vem depois e não antes. A fala do professor deve levar em consideração a capacidade de atenção dos alunos, uma capacidade que claramente se reduz ainda mais durante as aulas em vídeo, em comparação com a aprendizagem em sala de aula. Além disso, porque a interação é mais difícil. Nesta parte são apresentados os conteúdos essenciais.
- O terceiro passo é o que pedagogia inaciana considera crucial, porque é particularmente educativo e é a fase de 'Reflexão' ou internalização ou *repetitio* ('mente', como diria o Papa Francisco). Isso implica perguntar-se como garantir que o que é ensinado é adequado, internalizado e assumido pelos alunos.
- Quando o conhecimento é apropriado, é sólido, une-se às fibras mais íntimas de uma pessoa e então é capaz de traduzi-lo em novas situações para a 'Ação' ('mãos', como diria o Papa Francisco), competência e mudança.
- E assim chegamos à 'Avaliação', que na pedagogia inaciana tem essencialmente o caráter diagnóstico de um processo (o que funcionou e o que não funcionou durante o processo de aprendizagem) e prognóstico (como melhorar no futuro). A partir deste ponto começa um novo processo de aprendizagem.

É precisamente o passo da avaliação o que continua sendo um dos aspectos mais complexos deste momento histórico. O primeiro significado da avaliação é 'dar valor'. É necessário perguntar-se hoje: a que queremos dar valor e como queremos dar valor? Existe uma estreita conexão entre o objeto da avaliação (que não é necessariamente uma atuação, uma prova oral ou um trabalho escrito) e a forma de avaliá-lo (que não é necessariamente a atribuição de uma nota). A pedagogia inaciana sempre nos tem ensinado a chegar a uma avaliação do processo em andamento, mais do que a resultados ou provas.

Hoje, é particularmente importante cultivar competências transversais e, especialmente, as evidências para provar que elas emergem e devem ser concebidas de forma criativa. Neste caso, existem vários instrumentos de avaliação que podem ser utilizados:

- Observações sistemáticas (por exemplo, observações sobre participação, as intervenções e o trabalho).
- Tarefas da vida real (que identificam situações problemáticas a resolver e que colocarão em jogo os conteúdos aprendidos e as habilidades dos alunos).
- Alguns instrumentos de autoavaliação (entre os quais, muito valioso na pedagogia

inaciana, é a 'autobiografia cognitiva', para contar o que entendi e o que aprendi sobre mim no que eles me ensinaram).

No entanto, podem-se utilizar e inventar métodos de avaliação novos e criativos e novos instrumentos: por exemplo, manter os materiais produzidos pelos alunos em uma espécie de portfólio.

Um aspecto importante a ser levado em consideração no momento é dar aos alunos retroalimentação constante e frequente, avaliando (valorizando) as muitas tarefas que realizam. A retroalimentação positiva é extremamente importante e deve-se tomar muito cuidado com a retroalimentação negativa, pois exige que se indique um caminho para a correção (e se esse caminho não for visível, corremos o risco de bloquear o aluno como pessoa, sem uma forma real de sair) transformando a avaliação, como também lemos nos documentos ministeriais, em uma punição ritual.

O ensino on-line é proveitoso se estiver baseado na interatividade, sem cair na armadilha de ser ainda mais 'frontal' ou unilateral do que na sala de aula. A tradição inaciana, de fato, vê o ensino frontal e transmissivo como algo a ser usado com extrema parcimônia, favorecendo, em vez disso, um estilo de ensino ativo e personalizado.

5. Aprendizagem a distância digital: a distribuição do tempo e as cargas de trabalho

Já em 2007, as escolas jesuítas [na Itália] incorporaram uma figura comparável ao que as escolas estatais chamaram 'animador' de tecnologia: o líder da ITAS (Informação e Tecnologia na Escola): um educador familiarizado com a tecnologia, capaz de incentivar o trabalho de pesquisa numa área disciplinar, com seus colegas, sobre como integrar a pedagogia inaciana com a tecnologia, com capacidade para estimular e reunir materiais digitais importantes para compartilhar e socializar.

As escolas jesuítas têm refletido sobre a preocupação dos educadores com respeito à superexposição aos meios tecnológicos, que sem dúvida têm repercussões sobre a saúde psicofísica e sobre os riscos da hiperconectividade e virtualidade na busca de um equilíbrio saudável na estruturação do tempo dos alunos.

Do ponto de vista didático, é necessária uma distribuição cuidadosa do tempo, principalmente entre as videoconferências e outras atividades. É claro que a videoconferência dá um maior sentido de nossa presença e de nosso trabalho tanto para os alunos como para as suas famílias, mas uma alta concentração de videoconferências numa manhã pode chegar a ser pesada para os estudantes

devido à atenção que lhes exigem e também para educadores, se tiverem várias videoconferências agendadas para a mesma manhã.

Devem-se inserir as videoconferências num processo de aprendizagem cuidadosamente planejado, que proporcione um momento motivador, um momento transmissivo, um momento pessoal que gere a internalização do conhecimento com vistas à ação e, posteriormente, a avaliação.

Uma ferramenta importante podem ser aulas em vídeo curtas (ou também aulas em áudio), mesmo que as aulas em vídeo possam ser um peso para preparar, desde que possam fazer parte de um processo e produzir conteúdos duradouros. É necessário garantir também um momento em que os alunos possam fazer perguntas ao professor, pedir esclarecimentos, possivelmente revisar partes da lição que não estão claras ou que os alunos não tenham entendido bem (por exemplo, na forma de uma 'aula invertida')

Em geral, é necessário tomar cuidado para não sobrecarregar os alunos com estímulos e conteúdos. O risco real que alguém poderia correr, paradoxalmente, é o de uma 'carga cognitiva excessiva', que pode ser esmagadora, em vez de estimular a continuidade do caminho. Os alunos, acima de um certo patamar, se perdem e se sentem desmotivados.